

ESTUDOS FILOLÓGICOS DE DOCUMENTOS DOS SÉCULOS XVIII E XX

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto
Carolina Akie Ochiai Seixas Lima
organizadoras



Pantanal Editora

2021

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto
Carolina Akie Ochiai Seixas Lima
Organizadoras

ESTUDOS FILOLÓGICOS DE
DOCUMENTOS DOS SÉCULOS XVIII E XX

Esta obra teve o apoio financeiro do PPGEL-UFMT



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome	Instituição
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	OAB/PB
Profa. Msc. Adriana Flávia Neu	Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois	UO (Cuba)
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior	IF SUDESTE MG
Profa. Msc. Aris Verdecia Peña	Facultad de Medicina (Cuba)
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia	ISCM (Cuba)
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva	UFESSPA
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo	UEA
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu	UNEMAT
Prof. Dr. Carlos Nick	UFV
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia	AJES
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos	UFGD
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva	UEMS
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos	IFPA
Prof. Msc. David Chacon Alvarez	UNICENTRO
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira	IFMT
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira	UFMG
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão	URCA
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves	ISEPAM-FAETEC
Prof. Me. Ernane Rosa Martins	IFG
Prof. Dr. Fábio Steiner	UEMS
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza	UFF
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez	(Colômbia)
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles	UNAM (Peru)
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira	IFRR
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto	UCG (México)
Prof. Msc. João Camilo Sevilla	Mun. Rio de Janeiro
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales	UNMSM (Peru)
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski	UFMT
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira	Mun. de Chap. do Sul
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela	IFPR
Prof. Dr. Leandris ArgenteL-Martínez	Tec-NM (México)
Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan	Consultório em Santa Maria
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann	UFJF
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior	UEG
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos	FAQ
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla	UNAM (Peru)
Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira	SEDUC/PA
Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira	IFPA
Profa. Dra. Patricia Maurer	UNIPAMPA
Profa. Msc. Queila Pahim da Silva	IFB
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty	UO (Cuba)
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke	UFMS
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva	UFPI
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo	UEMA
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca	UFPI
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira	FURG
Profa. Dra. Yilan Fung Boix	UO (Cuba)
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme	UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior

- Esp. Maurício Amormino Júnior

- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E82 Estudos filológicos de documentos dos séculos XVIII e XX [livro eletrônico] /
Organizadoras Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto, Carolina Akie
Ochiai Seixas Lima. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 137p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-88319-80-2

DOI <https://doi.org/10.46420/9786588319802>

1. Filologia. 2. Linguística. I. Barreto, Josenilce Rodrigues de Oliveira. II.
Lima, Carolina Akie Ochiai Seixas. III. Título.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

“Alimento é algo universal e geral. Algo que diz respeito a todos os seres humanos: amigos ou inimigos, gente de perto e de longe, da rua ou de casa, do céu e da terra. Mas a comida é algo que define um domínio e põe as coisas em foco. Assim, a comida é correspondente ao famoso e antigo de-comer, expressão equivalente a refeição, como de resto é a palavra comida. Por outro lado, comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa” (DA MATTA¹).

É da natureza humana a necessidade de alimentar-se para manter-se vivo e em vida e, por isso mesmo, o alimento é sagrado e consagrado como algo “universal e geral”, indispensável para a nossa existência. É também da natureza humana o hábito de nos reunirmos, seja ao redor de uma mesa ou de uma fogueira, em “grupo ou classe”, para garantirmos a equidade no partilhamento da comida entre os nossos semelhantes. Entretanto, para chegarmos a esse momento, perpassamos pelo ritual, individual e ao mesmo tempo coletivo, de preparo da comida, que abrandará ou saciará por completo o nosso estado de fome.

Assim como livros dispostos nas estantes de uma biblioteca, um *menu* gastronômico oferece a oportunidade de, a partir da escolha que se faz, saciar a fome do ser humano, até então, em estado de insaciedade, seja de conhecimento ou de comida, ambos parte da nossa natureza, humana e física, necessitada de aprendizado, acolhimento e alimento, principalmente em tempos como estes, em que uma pandemia já cessou a vida de mais de meio milhão de brasileiros, dentre os quais estavam cozinheiros(as), escritores (as), professores(as), pesquisadores(as), estudantes de graduação e de pós-graduação etc., gente que cuidava do corpo e da alma daqueles que eram os seus afetos, hoje em constante estado de dor, fome e sofrimento, abrandados, talvez, pela empatia, pela arte, pelo conhecimento e pelo alimento.

Foi para aquelas, dentre muitas outras pessoas, hoje presentes ou não neste mundo, que programas de pós-graduação foram criados, ao longo dos anos, aqui no Brasil, com a finalidade de oferecer a grupos variados de pessoas a oportunidade de continuar a sua formação acadêmico-profissional. É nesse contexto que se insere o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, doravante PPGEL, da Universidade Federal de Mato Grosso, criado em 2003, e que tem oferecido, em seu *menu*, um verdadeiro banquete de disciplinas, que contemplam áreas dos Estudos Linguísticos e Literários, que caracterizam e particularizam o referido Programa como fomentador da formação continuada de profissionais de Letras e Linguística do Estado de Mato Grosso e de outros Estados da Federação.

Em 2015, o PPGEL ampliou a oferta dos seus cursos e passou a oferecer, além do Curso de Mestrado, o de Doutorado, ambos com disciplinas em comuns, como é o caso do Componente Curricular *Estudos Filológicos*, de 60 h/a, ofertado, desde a criação do PPGEL, para alunos(as/es) regulares, especiais e/ou ouvintes da área de Estudos Linguísticos. No primeiro semestre deste ano, em especial,

¹ DA MATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 22.

os trabalhos desenvolvidos pelas cursistas da referida disciplina, ministrada pela Profa. Dra. Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto, tiveram a sua finalidade ampliada: além de serem a atividade de avaliação final das estudantes (sim! Uma turma 100% feminina!), eles estão publicados neste, que é o primeiro resultado em forma de livro dos frutos, agora saboreados e advindos das discussões e dos artigos, produzidos na disciplina *Estudos Filológicos*.

Além dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da referida disciplina, também estão reunidos nesta obra dois textos, os de número 04 e 08, produzidos por estudantes de Iniciação Científica das Universidades Federais de Mato Grosso e do Oeste da Bahia, em parceria com as suas respectivas orientadoras, então co-autoras. Cabe ressaltar que ambos os textos são frutos de pesquisas em desenvolvimento nas respectivas universidades e em consonância com a área de atuação e pesquisa das organizadoras deste livro, o que coaduna com os nossos objetivos de a) incentivar as iniciantes à pesquisa a produzir artigos científicos para serem publicados, e b) oferecer ao público textos que contribuam para a divulgação e disseminação das pesquisas em Filologia no Brasil.

Assim, com o objetivo de reunir e, ao mesmo tempo, dar visibilidade às produções das estudantes, que tomaram como aporte teórico-metodológico a Filologia Textual e as suas ciências auxiliares (Codicologia, Paleografia, Diplomática e História), a partir das quais desenvolveram análises de documentos dos séculos XVIII e XX, produzidos em terras brasileiras ou estrangeiras, organizamos este livro, cuja estruturação é apresentada a seguir.

Na primeira parte, intitulada *Estudos filológicos de manuscritos do século XVIII*, estão listados quatro trabalhos, produzidos a partir de manuscritos mato-grossenses do século XVIII, e desenvolvidos por Camila Viais Leite; Arlene Bispo da Silva e Glaciene da Silva Nascimento; Thaisa Maria Gazziero Tomazi; e Carolina Akie Ochiai Seixas Lima e Bruna Corrêa Araújo, conforme descritos nos parágrafos seguintes.

No primeiro capítulo, intitulado *Estudo filológico do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira-MT, século XVIII*, Camila Viais Leite apresenta as edições fac-similar e semidiplomática do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira-MT, documento histórico, produzido no século XVIII, a partir do qual a autora nos convida à mesa da Filologia e de suas ciências auxiliares, as quais dão suporte às análises histórica, codicológica, diplomática e paleográfica do referido manuscrito.

No segundo capítulo, intitulado *Edição semidiplomática e estudo codicológico e paleográfico de um manuscrito do século XVIII da Capitania de Mato Grosso*, Arlene Bispo da Silva e Glaciene da Silva Nascimento, primeiro, nos apetezem com informações oriundas de uma correspondência oficial, escrita pelo então ouvidor e destinada ao rei, acerca das disputas de terras entre portugueses e indígenas no Mato Grosso colonial, a partir do qual as autoras tecem considerações sobre a Filologia e as suas ciências auxiliares para, em seguida, apresentarem a edição do documento e as análises codicológica, paleográfica e grafemática de palavras do texto, como pratos principais do trabalho.

No terceiro capítulo, intitulado *Os bens dos soldados falecidos no Mato Grosso colonial – uma análise filológica de uma carta manuscrita*, Thaisa Maria Gazziero Tomazi nos serve, como prato de entrada,

considerações sobre a Filologia, a Codicologia e as normas de edição adotadas para nos apresentar, como prato principal, as edições fac-similar e semidiplomática, as análises ortográfica e paleográfica, e os aspectos sócio-históricos de uma carta manuscrita no Mato Grosso colonial, cujo teor é os bens materiais deixados por dois soldados mortos em combate.

No quarto capítulo, intitulado *Regimentos dos Capitães do Mato: Análise de alguns aspectos filológicos*, Carolina Akie Ochiai Seixas Lima e Bruna Corrêa Araújo nos apresentam um *menu* que vai da contextualização histórica do documento à revisão da literatura, metodologia, resultados e discussão, a partir dos quais as autoras tratam da edição, do estudo dos nomes de pessoas, dos rios e lugares, bem como das variações grafemáticas constantes no *corpus* selecionado, que se caracteriza como o escolhido para compor o último texto, que finaliza a primeira parte deste livro, que trata de estudos filológicos a partir de manuscritos mato-grossenses do século XVIII.

Já na segunda parte deste livro, intitulada *Estudos filológicos de documentos do século XX*, são listados mais quatro trabalhos, produzidos a partir de documentos, manuscritos ou impressos, escritos em lugares e por pessoas variadas no século XX, e desenvolvidos por Natasha Mayumi Machado Takinami e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto; Cíntia Holzmann e Sonia Regina Lourenço; Débora da Silveira Campos; e Carla Souza da Cruz, Stéffany Montielly Fontes Freire e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto.

No primeiro capítulo desta segunda parte, intitulado *Leitura crítico-filológica-discursiva de uma página do jornal Diário da noite (SP) sobre a colônia japonesa*, Natasha Mayumi Machado Takinami e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto desenvolvem um estudo crítico-filológico-discursivo, a partir de uma página do periódico *Diário da Noite*, de São Paulo, datada de 3 de agosto de 1946, na qual há a descrição de um episódio, “envolvendo brasileiros e japoneses em um momento de ódio, violência e perseguição aos imigrantes”. A partir disso, as autoras apresentam a Filologia e a Análise do Discurso de linha francesa, como aportes teóricos para as análises do contexto histórico e dos elementos linguístico-discursivos relacionados ao preconceito, presentes no *corpus*.

No capítulo seguinte, intitulado *Nas rotas da Panagra: Estudo filológico de uma carta de María Rosa Oliver a Vinícius de Moraes*, Cíntia Holzmann e Sonia Regina Lourenço nos oferecem, além da contextualização da escolha do *corpus*, a edição, as análises codicológica e paleográfica de uma correspondência pessoal, escrita por María Rosa Oliver e dirigida a Vinícius de Moraes, bem como informações sobre a vida da escritora e a sua relação com o referido escritor e compositor, e com o período compreendido pelas cartas produzidas por aquela, e que compõem o *corpus* do trabalho ora apresentado.

No terceiro capítulo da segunda parte, intitulado *A primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem em Mato - Grosso: anúncios de jornais sob o olhar filológico*, Débora da Silveira Campos realiza o estudo, a partir da Filologia, de anúncios de jornais do século XX, que veicularam a notícia da criação da primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem em Mato Grosso. Para isso, contudo, a autora apresenta o contexto histórico no qual a referida escola foi criada, e seleciona, como *corpus* de estudo, oito anúncios de jornais, a partir

dos quais sinaliza a relevância da edição fac-similar para a reprodução desse tipo de registro histórico e analisa as “abreviaturas, o sistema consonantal, o sistema vocálico e o uso de diacríticos”, presentes no *corpus*, também explorado “ideológica e linguisticamente”.

No último capítulo, intitulado *Entre a Filologia e o Direito: edição e estudo do Direito das Sucessões em dois documentos baianos do século XX*, Carla Souza da Cruz, Stéffany Montielly Fontes Freire e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto nos apresentam, em um primeiro momento, o conteúdo, as normas e as edições fac-similar e semidiplomática de um fólio de cada um dos dois processos cíveis selecionados como *corpus* do trabalho para, em seguida, discorrerem sobre o Direito das Sucessões no Brasil e suas implicações nos assuntos legais tratados no *corpus* do trabalho.

Com isso, esperamos oferecer, com a publicação deste livro, um material de leitura e consulta para estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores da área, que buscam, a partir de livros como este, conhecer, saciar-se e deleitar-se nos estudos filológicos de documentos produzidos nos séculos XVIII e XX.

Desejamos que tenham uma ótima leitura e que, ao final desta, fiquem com aquele “gostinho de quero mais”!

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima

SUMÁRIO

Apresentação	4
Primeira parte: Estudos filológicos de manuscritos do século XVIII	12
Capítulo 1.....	13
Estudo filológico do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira-MT, século XVIII	
<i>Camila Viais Leite</i>	
Considerações iniciais	13
A Filologia e as ciências auxiliares: análises do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira	15
Contextualização histórica do documento	17
Edições fac-similar e semidiplomática: critérios adotados	19
Análise codicológica	24
Breve análise diplomática	25
Análise paleográfica	25
Considerações finais e agradecimentos	29
Referências	30
Capítulo 2.....	32
Edição semidiplomática e estudo codicológico e paleográfico de um manuscrito do século XVIII da Capitania de Mato Grosso	
<i>Arlene Bispo da Silva e Glaciene da Silva Nascimento</i>	
Introdução	32
Filologia e linguística: Conceitos e interações	33
Critérios e proposta de edição do “MS F-1” e “MS V-2”	34
Contexto histórico do manuscrito MS F-1 e MS V-2	39
Estudos paleográfico e codicológico	39
Análises codicológica e paleográfica do Manuscrito Ms F-1 e Ms V-2	40
Considerações Finais	43
Referências	43
Capítulo 3.....	45
Os bens dos soldados falecidos no Mato Grosso colonial – uma análise filológica de uma carta manuscrita	
<i>Thaísa Maria Gazziêro Tomazi</i>	
Introdução	45
Entre a filologia, a Codicologia e a Edição: estudo do <i>corpus</i>	46

Breves comentários codicológicos	47
As normas para a edição do <i>corpus</i>	48
Edições fac-similar e semidiplomática	49
Características ortográficas do documento	51
Breves comentários paleográficos	53
Aspectos sócio-históricos do <i>corpus</i>	56
Considerações finais	57
Referências	57
Capítulo 4.....	59
Regimento dos Capitães do Mato: Análise de alguns aspectos filológicos	
<i>Carolina Akie Ochiai Seixas Lima e Bruna Corrêa Araújo</i>	
Introdução	59
Contextualização histórica	60
Revisão de literatura	61
Metodologia	61
Resultados e discussão: autenticidade, datação e localidade	67
Nomes de pessoas	68
Nomes de rios e lugares	70
Variação grafemática	71
Considerações finais	72
Referências	73
Segunda parte: Estudos filológicos de documentos do século XX	75
Capítulo 5.....	76
Leitura crítico-filológica-discursiva de uma página do jornal <i>Diário da noite</i> (SP) sobre a colônia japonesa	
<i>Natasha Mayumi Machado Takinami e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto</i>	
Introdução	76
Interfaces entre a filologia e a Análise do Discurso	77
Considerações interpretativas sobre o contexto histórico da publicação impressa do jornal <i>Diário da noite</i>	79
Edição fac-similar e análise do <i>corpus</i>	81
Elementos linguístico-discursivos relacionados à mentalidade de preconceito	81
Considerações finais	87
Referências	88

Capítulo 6.....	90
Nas rotas da Panagra: estudo filológico de uma carta de María Rosa Oliver a Vinícius de Moraes	
<i>Cíntia Holzmann e Sonia Regina Lourenço</i>	
Introdução	90
Proposta de análise filológica de uma carta de María Rosa Oliver	92
Dos critérios à edição semidiplomática do corpus	92
A materialidade do corpus: A análise codicológica	95
O recto da carta de 03 de setembro de 1946	97
O verso da carta de 03 de setembro de 1946	98
O punho de María Rosa Oliver: características paleográficas	98
Breve comentário sobre o <i>corpus</i>	104
“María Rosa” e “Vinicito”	104
A política, a cultura, os amigos	105
Considerações Finais	107
Referências	107
Capítulo 7.....	109
A primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem em Mato - Grosso: anúncios de jornais sob o olhar filológico	
<i>Débora da Silveira Campos</i>	
Introdução	109
A Filologia	109
A contextualização da fonte e do objeto	110
Apresentação do <i>corpus</i> e da edição fac-similar	112
Análise do <i>corpus</i>	117
Abreviaturas	117
Sistema consonantal	117
Sistema vocálico	117
Diacríticos	117
Funções adjetiva e transcendente	118
Considerações finais	119
Referências	120
Capítulo 8.....	121
Entre a Filologia e o Direito: edição e estudo do Direito das Sucessões em dois documentos baianos do século XX	
<i>Carla Souza da Cruz, Stéffany Montielly Fontes Freire e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto</i>	
Introdução	121

O CEDOC – Centro de Documentação e Pesquisa	122
A apresentação do <i>corpus</i>	123
Sobre a escolha dos tipos, das normas e da apresentação das edições	124
Sobre a escolha dos tipos de edição	124
Sobre as normas de edição	125
Sobre a apresentação das edições fac-similar e semidiplomática	126
O Direito das Sucessões no Brasil e suas implicações nos dois processos cíveis estudados	130
Considerações finais	132
Referências	132
Índice Remissivo	134
Sobre as Organizadoras.....	136

Leitura crítico-filológica-discursiva de uma página do jornal *Diário da noite* (SP) sobre a colônia japonesa

 10.46420/9786588319802cap5

Natasha Mayumi Machado Takinami^{1*} 
Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto² 

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, desenvolve-se um estudo crítico-filológico e discursivo a partir da edição fac-similar de uma das páginas da edição do Jornal *Diário da noite* (SP), datado em 3 de agosto de 1946. A temática da notícia é sobre um episódio ocorrido na cidade de Osvaldo Cruz, município no interior do estado de São Paulo, no dia 31 de julho do mesmo ano, envolvendo brasileiros e japoneses em um momento de ódio, violência e perseguição aos imigrantes e seus descendentes.

Com a rendição do Japão em 15 de agosto de 1945 às forças adversárias, a Segunda Guerra Mundial chegava ao fim. Contudo, nascia no Brasil o movimento *Shindo Renmei*, associação dirigida e destinada exclusivamente ao grupo étnico japonês. É nesse cenário que o jornal impresso testemunha a divisão da colônia japonesa, uma vez que as discussões sobre a derrota ou vitória tomaram proporções descontroladas na comunidade. A partir disso, percebe-se que o sentimento de intolerância ao diferente surtiu em violência generalizada como forma de “fazer justiça com as próprias mãos”.

Em relação à fonte documental, encontram-se disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital, que possui vários arquivos armazenados, registros de muitos fatos históricos ocorridos no Brasil, entre os quais o periódico que aqui foi analisado. É importante destacar que é por meio de bases digitais como a que foi utilizada neste trabalho que se promove a democratização do acesso à memória cultural de determinado povo, assim também como aspectos de mudança na língua.

O estudo apresentado é resultante de leituras realizadas no decorrer da pós-graduação, em virtude de investigações sobre a colônia japonesa no Mato Grosso e no Brasil. Além disso, como integrante do grupo de pesquisa *FOLIUM* – Estudos de Crítica Textual da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), existiu o aproximar com a Filologia. Com base nesta ciência e em procedimentos críticos

^{1*} Mestranda em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação da UFMT, integrante do grupo de pesquisa *FOLIUM* - Estudos de Crítica Textual, coordenado pela professora Dra. Carolina Ochiai Seixas Lima. mayumi.natasha@hotmail.com.

² Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Oeste da Bahia, Professora-orientadora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso e pesquisadora do *Folium*: Grupo de Estudos Interdisciplinares de Linguística, Filologia e História. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7404362945488444>. E-mail: josenilce.barreto@ufob.edu.br.

(Cambráia, 2005; Gonçalves, 2018, 2020; Said, 2004; Queiroz, 2006), compreende-se que o texto é resultado da cultura, da memória, da língua, do tempo e do espaço, uma vez que o contato com outras áreas do saber, como a história, a política e a linguística, intensificam as interpretações sobre o documento.

Desse modo, a pesquisa com jornais que tratam do período do pós-guerra³, relacionados aos japoneses em terras brasileiras, evidencia contextos históricos, políticos e discursivos de violência e preconceito no século XX. Por isso, houve a necessidade de integrar ao estudo princípios da Análise do Discurso de linha francesa, visto que

O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. O que faz ele diante do texto? Ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura (Orlandi, 2020).

Assim, o texto é entendido como objeto de sentido, uma vez que é a partir dele que se faz a investigação científica dos discursos e comprova-se que todo texto é permeado por formações discursivas de ideologias dominantes.

INTERFACES ENTRE A FILOLOGIA E A ANÁLISE DO DISCURSO

No processo de estudo do fac-símile são trazidas informações históricas, que testemunham a violência e o preconceito contra a colônia japonesa na cidade de Osvaldo Cruz, durante o período do pós-guerra no ano de 1946. Em função disso,

A leitura crítico-filológica como prática interpretativa pauta-se em um método integrativo, dialógico e híbrido, considerando atos partilhados de leitura, por meio de uma análise criteriosa de contextos sociais, históricos, políticos e linguísticos, fragmentando a percepção do senso-comum e estabelecendo outras conexões interpretativas (Gonçalves, 2018).

É, nesse sentido, que o trabalho em questão se contextualiza, pois faz uma leitura criteriosa e interpretativa de uma página do jornal *Diário da noite* (SP), considerando elementos linguísticos e contextuais da história, da cultura, da política e social da época; uma vez que o texto sozinho pode não ser suficiente para uma interpretação devida.

Por meio dessa análise criteriosa e exaustiva do texto – e texto aqui entendido como materialidade discursiva, como unidade de sentido – o filólogo compartilha da memória, da cultura e da língua de determinado povo num momento específico do tempo, a fim de recuperar a trajetória, de certa forma silenciada⁴, desses indivíduos que foram citados nos relatos da página do jornal (Cambráia, 2005; Orlandi, 2015).

³ Neste trabalho, compreende-se o pós-guerra como o período compreendido entre os anos de 1945 a 1947.

⁴ Quando se fala em silêncio, tem-se como referência Orlandi (2015) que diz na página 15 que: “Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É o silêncio signficante”.

Ao se tratar da Filologia, entendemos, assim como Queiroz (2006), que ela é uma

[...] ciência que tem como campo de estudo os textos escritos. Neste sentido, toda análise estará, de alguma forma, sob o seu domínio. É a partir do estudo do texto que o filólogo apresentará, aos estudiosos de várias áreas do saber, as diversas vertentes que aquele oferece (Queiroz, 2006).

O estudo filológico, então, dialoga com outras áreas do conhecimento, como a História, a Linguística e a Análise do Discurso, pois necessita analisar o texto em sua totalidade; tanto em seu aspecto material quanto na perspectiva de compreensão e interpretação de seu conteúdo, do contexto histórico e dos usos linguísticos e sociais da escrita. Por isso, Said (2004) afirma que “uma verdadeira leitura filológica é ativa; implica adentrar no processo da linguagem já em funcionamento nas palavras e fazer com que revele o que pode estar oculto, incompleto, mascarado, distorcido em qualquer texto que possamos ter diante de nós [...]”.

A Análise do Discurso de vertente francesa, doravante AD, ciência que teve início na década de 1960 do século XX, em consonância com a Filologia, pretende auxiliar na compreensão dos sentidos derivados de formações discursivas e ideológicas do texto. Uma vez que “o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (Orlandi, 2020). Nesse contexto, a AD também promove o destrinchar do documento através do olhar para as relações entre os sujeitos, que utilizam da linguagem, da história, das marcas ideológicas, das vivências daqueles que produziram e foram mencionados no texto.

É por isso que, assim como a pesquisa de base filológica,

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (Orlandi, 2020)

Portanto, percebe-se que as duas ciências/disciplinas utilizadas como referencial teórico para a análise do documento, atualmente, atentam-se para as condições sociais e culturais de produção da escrita, para os papéis sociais representados pelos sujeitos e para os usos linguísticos que reverberam sentidos. Uma vez que falar sobre o preconceito contra a imigração japonesa pode ser para muitos considerado insignificante, porém é a partir dessas pesquisas que a história de grupos minorizados durante o processo imigratório no Brasil são lembrados e valorizados.

Assim, de acordo com Gonçalves (2018), essa responsabilidade em ser filólogo ou analista do discurso, “[...] é reinterpretar e reavaliar, sem cessar os procedimentos adotados no decorrer de suas leituras, é desconfiar e destronar as verdades que se insinuam no texto”. Por fim, é atuar como mediador do texto histórico, a partir de uma leitura crítica de documentos que, muitas vezes, são pouco conhecidos, assumindo um papel político ao trazer à tona realidades de violência que foram apagadas da memória e da historiografia brasileira.

CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO IMPRESSA DO JORNAL *DIÁRIO DA NOITE*

Em 1945, chegava ao fim a Segunda Guerra Mundial, conseqüentemente, a derrota dos países do Eixo e a rendição do Japão eram noticiadas pelos rádios e jornais brasileiros. A notícia não foi bem recebida pela maioria da colônia japonesa, que na verdade desacreditou do que estava sendo dito pela imprensa da época. Diante desse cenário de instabilidade, nasce o movimento denominado *Shindo Renmei*, uma associação dirigida e destinada exclusivamente ao grupo étnico japonês, visto que os integrantes tinham como objetivo “demonstrar o seu patriotismo através da prática do *shindô*, ou seja, o código de conduta ou o caminho que todos os súditos deveriam tomar em relação ao imperador” (Handa, 1987). Nesse contexto, o grupo acreditava que a derrota era uma fraude e que a informação era um golpe dos países aliados para minar o orgulho dos japoneses. É assim que a colônia se divide entre os *kachigumi* – os “vitoristas” que não aceitavam a derrota do Japão; e os *makegumi* – os “derrotistas”, que admitiam que o Japão tinha perdido a batalha.

Foi durante os anos de 1946 e 1947 que a *Shindo Renmei* iniciou uma busca aos “corações sujos”, termo usado para se referir às pessoas que acreditavam na derrota, por todo o estado de São Paulo, realizando atentados que levaram à morte de 23 imigrantes e deixaram cerca de 150 feridos (Morais, 2011).

Por causa desses atentados, a população em geral criticava a atrocidade cometida pelos membros do movimento contra os próprios patrícios, considerando-os como terroristas, fanáticos, criminosos etc. De acordo com a Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil, no documento *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa*, publicado em 1992, dentre os diversos incidentes, o mais grave ocorreu no município de Osvaldo Cruz, na Alta Paulista, com tumultos sem precedentes que tiveram mais de um dia de duração.

O caso aconteceu no dia 30 de julho quando houve uma discussão de trânsito entre Kababe Massame e Pascoal Alves de Oliveira, também conhecido como “Nego”, ambos eram motoristas de caminhão e anteriormente haviam se desentendido por causa de uma suposta ultrapassagem na estrada que ligava Bastos a Osvaldo Cruz. Essa desavença resultou em luta corporal entre os dois e o japonês “[...] quando dominado no chão, sacara uma pequena faca e feriu no coração aquele que o dominava [...]” (Handa, 1987). A notícia da morte do “Nego” só reacendeu o ódio da população, visto que uma semana antes duas famílias de japoneses muito queridos pela comunidade tinham sofrido atentados pela *Shindo Renmei*.

No entanto, esse ainda não seria o fator que motivou a violência massificada⁵ contra japoneses, mas sim quando um grupo de munícipes tomavam café da manhã no Bar do Ponto⁶ no dia seguinte ao

⁵ Termo utilizado por Roberto Yutaka Sagawa (2010) no artigo *Uma violência massificada de brasileiros contra japoneses*.

⁶ Destaca-se que o nome do bar é diferente nas várias fontes consultadas, aparece como “Bar do ponto” e, às vezes, como “Nosso Bar”. Aqui, entretanto, optou-se por utilizar o termo “Bar do Ponto” que se repetiu mais de uma vez nas referências.

assassinato, momento em que um dos brasileiros provocou o dono do estabelecimento, Takeiko Massuda. Morais (2011) descreve o diálogo da seguinte forma: “Abre o olho japonês, porque o povo está doido para pegar um de vocês para vingar a morte do Nego”. De acordo com o autor de *Corações sujos*, após a provocação do brasileiro, Massuda reagiu dizendo: “Vingar o Nego por quê? Além de brasileiro, ele era preto. Por mim podia matar uns dez vagabundo(sic) desses que dava na mesma [...]”. Os registros desse período histórico demonstram que esse foi o gatilho necessário para que a horda de violência se alastrasse por todo o local.

Após terem arreventado de pancadas o senhor Massuda, amarraram-no e o arrastaram pelas ruas da cidade, e um dos integrantes do grupo gritava para que todos ouvissem:

Lincha! Lincha! Chegou o dia da forra! Hoje não fica um japonês em pé na cidade!

A impressão que se teve, a partir daquele instante, é que todos os brasileiros de Osvaldo Cruz – velhos e jovens, pretos e brancos, ricos e pobres – tinham dívidas pessoais a cobrar de algum japonês. E que o dia da cobrança havia chegado. O que se veria em seguida não era obra de um grupo de desordeiros, como se lembraria, mais de cinquenta anos depois, o historiador José Alvarenga, na época secretário da Prefeitura da cidade. Até hoje cheio de dedos, temendo mexer numa ferida já cicatrizada, ele reconhece que o surto coletivo de violência contaminou todos os brasileiros, indistintamente (Morais, 2011).

A partir disso, iniciou-se uma perseguição contra todo e qualquer japonês que encontrassem na cidade de Osvaldo Cruz, seja homem, mulher, criança, idoso, não importava quem, os brasileiros estavam cegos pela fúria. Como retratou o historiador José Alvarenga (*apud* Morais, 2011):

O dia amanheceu e num estalo teve início a desvairada tragédia, como um estouro de boiada que se esparrama em tropel louco e desenfreado, disparando sem rumo, arreventando tudo. Populares, impulsionados por instintos animais, saíram, em grupos desatinados, à caça de indefesos japoneses que nada tinham a ver com o crime ou a ação dos fanáticos da *Shindo Renmei*. Invadiam seus lares, trazendo-os à força para a rua, maltratando-os impiedosamente, açoitando-os, ferindo-os, puxando-os a laço pelas vias públicas e cavalgando neles. Cenas iguais se repetiram, alternada e inesperadamente, no decorrer do dia, em pontos diferentes da cidade, praticadas por grupos que se desfaziam e se formavam de novo com alteração de seus integrantes. Os japoneses suportaram, com resignação, e sem esboçar nenhuma reação, a injusta violência a que foram inexplicavelmente submetidos.

O término do episódio só aconteceu quando o médico Oswaldo Nunes tomou a iniciativa de ligar para o comando da V Companhia do Exército, sediada em Tupã, a fim de que enviassem soldados para conter a situação desenfreada, visto que as próprias autoridades locais não conseguiram controlar. Com a chegada dos militares não houve mais casos de violência registrada na cidade. Por fim, desse fato, o sentimento de angústia e “[...] as feridas da alma dos japoneses levariam muito mais tempo para cicatrizar do que as fraturas e cabeças quebradas [...]” (Morais, 2011). Tanto que é considerado um período em branco pela colônia japonesa, de vergonha inapagável.

EDIÇÃO FAC-SIMILAR E ANÁLISE DO *CORPUS*

De acordo com Cambraia (2005), a edição fac-similar – também denominada fac-símile – possui o mínimo grau de mediação, visto que neste caso reproduz-se a imagem do documento por meios mecânicos como fotografia, xerografia, escanerização etc. Em relação à página do jornal em análise, a reprodução por fotografia permitiu o acesso ao texto, praticamente, de forma direta, o que de certo modo facilitou a interpretação do conteúdo. Percebe-se que o processo de escanerização pelo qual passou o material interferiu na cor do periódico, o que nos dificulta saber o tipo de papel e tinta utilizados em sua confecção. Além disso, as fotografias presentes não estão nítidas o suficiente para que sejam visualizadas em sua totalidade, a maioria delas são borrões pretos. Se não fossem as legendas, não entenderíamos do que se trata. Pelo fato de o texto ser escrito no ano de 1946, verifica-se que a língua utilizada é de fácil compreensão, uma vez que não possui muitas variações até os dias atuais, somente algumas situações de ausência de acentuação.

O jornal *Diário da noite*, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, foi fundado em 1929 e fez parte do conglomerado de Assis Chateaubriand, comunicador e uma das figuras públicas mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960. No mesmo ano de criação já vendiam cerca de 120 mil exemplares por dia. Além disso, a folha apoiou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência contra Júlio Prestes, o que, de certa forma, confere parcialidade na produção das informações em reportagens, artigos e entrevistas, como veremos adiante.

Nesse sentido, houve a necessidade de utilizarmos os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa (Orlandi, 2020), a fim de suprir algumas lacunas na compreensão de boa parte dos discursos empregados na matéria do jornal apresentada. Na medida em que,

[...] partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que [...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (Orlandi, 2020).

Dessa forma, entende-se que todo discurso é interpelado pela ideologia, por isso boa parte das matérias escritas no *Diário da noite* (SP) refletiu o contexto social e a história pelo ponto de vista da classe dominante da época. Assim, utilizar da AD francesa é entender que todo o discurso carrega consigo uma ideologia através da língua, na verdade, do texto, reverberando sentidos, sejam estes positivos ou negativos.

ELEMENTOS LINGÜÍSTICO-DISCURSIVOS RELACIONADOS À MENTALIDADE DE PRECONCEITO

Na busca de compreender como estão expressas as marcas de preconceito na materialidade do texto impresso na primeira página do jornal *Diário da noite* (SP), buscou-se realizar uma análise linguístico-discursiva de alguns enunciados presentes no documento. Nesse sentido, optou-se por retirar do material

partes mais visíveis, como os títulos e manchetes das reportagens, dado que possuem grande carga de sentido sobre a colônia japonesa, e a escanerização pode alterar e diminuir a resolução da imagem, dificultando a leitura.

A reportagem retratou o ocorrido na cidade de Osvaldo Cruz e teve grande repercussão na mídia impressa, uma vez que era o principal recurso informativo e o diário era muito popular na época em questão. Provavelmente, com a ausência de *internet*, as notícias poderiam demorar dias para chegar à população e poderiam ser facilmente manipuladas. O que, conseqüentemente, influenciou os leitores sobre a figura do imigrante japonês residente no Brasil. Logo, a partir disso, percebe-se que

As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele (Orlandi, 2020).

Nessa perspectiva, o discurso jornalístico apresentado na matéria é fruto da ideologia corrente da época e é parcial ao colocar as informações sobre o que aconteceu em Osvaldo Cruz. Isso porque nos títulos (a maioria em destaque) aparecem os termos que fazem parte da esfera lexical do imigrante oriental: nipônicos, japonês, *Shindo Renmei* e japoneses; sem ao menos fazer menção aos participantes brasileiros, que também tiveram a sua parte de culpa no conflito étnico.

conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2020). Assim, no cenário do pós-guerra brasileiro, muitos imigrantes vindos de países como Itália, Japão e Alemanha foram fortemente repreendidos pelas políticas restritivas da época.

Tomoo Handa (1987) relata que a revolta dos brasileiros com os japoneses se intensificou com uma fracassada reunião no palácio do governo, visto que os integrantes da *Shindo Renmei* não aceitaram o acordo proposto. Ademais,

Depois que a classe intelectual brasileira soube do ocorrido, começou a publicar nos jornais uma série de violentas críticas aos vitoristas. Entretanto, o que não se pode deixar de considerar é que tudo isso tivesse se convertido numa teoria que sustentava a proibição da entrada de imigrantes japoneses no país. Talvez ainda permaneça vivo na memória de muitos o episódio ocorrido durante uma sessão no plenário da Constituinte, em que se discutiu, do ponto de vista humanitário, a proibição ou não da entrada de imigrantes japoneses no país: um parlamentar chegou ao extremo de declarar “o humanitarismo podia ser levado em consideração com relação aos humanos, mas não com relação aos sub-humanos [...]” (Handa, 1987).

Por meio dessa narrativa, compreende-se que o preconceito contra os imigrantes japoneses era evidente nesse período, pois os consideravam como seres inferiores e inassimiláveis⁷, resultando na constituição de um gueto dentro da sociedade brasileira. Com a Constituinte de 1934, a discriminação racial ganharia força de lei através dos discursos dos representantes políticos brasileiros, pois havia uma campanha anti-japonesa. Assim, a década de trinta do século XX, gestada por Getúlio Vargas, seria marcada por inúmeras restrições aos imigrantes advindos dos países do Eixo, o que culminou em tamanha repressão, violência e silenciamento. Portanto, preconceito, aqui, é definido como

o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo: a característica em questão é vista como essencial, definidora da natureza do grupo, e portanto adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem (Mezan, 1998).

Em relação aos discursos, tem-se o primeiro deles acima da manchete na informação de capa “MILITARMENTE OCUPADA A CIDADE DE OSVALDO CRUZ”, em que diz o seguinte: “Amarraram os nipônicos a animais e os arrastaram pelas ruas”.

Esse episódio relata a violência sofrida por japoneses na cidade de Osvaldo Cruz, em que muitos brasileiros com o intuito de demonstrar poder começaram a laçá-los e arrastá-los pelas ruas do município em questão. Como nos diz Fernando Morais (2011) sobre o ocorrido:

A avenida estava cheia de gente, de brasileiros querendo pegar japoneses. O pau comia para todo lado. Um caboclo laçou um japonês e o arrastou pela avenida. Alguém achou original a ideia do laço, e a partir daí todo mundo queria laçar seu japonês e arrastá-los pelas ruas. Era o troco à ameaça de “pôr canga nos brasileiros” quando o Japão ganhasse a guerra. Cavaleiros rodavam o centro da cidade buscando japoneses já imobilizados para amarrar e arrastar pelas ruas, com a ponta da corda presa na chinha do arreio (Morais, 2011).

⁷ “Vivaldo Coaracy, conhecido jornalista, conta em seu livro *O Perigo Japonês*: “Já em 1918, o sr. Artur Neiva, então a testa do Serviço Sanitário de São Paulo, advertia: ‘Se, porém, tivéssemos de solucionar o problema (da falta de braços), com preocupação científica e com os olhos no futuro do Brasil, veríamos que as raças orientais são inassimiláveis pelos ocidentais e os imigrantes indús e japoneses fatalmente se enquistarão em nós, ou, usando uma imagem mais expressiva, a nação terá ingerido um alimento, o qual, uma vez tragado, não poderá ser digerido ou regurgitado” (Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil, 1992).

A partir disso, pode-se retomar a formação discursiva anteriormente colocada da desvalorização do japonês, visto que à época ele era considerado inferior, sub-humano e por isso estaria sujeito a qualquer tipo de violência, seja esta física, racial ou moral. Ademais, “[...] os inimigos do Eixo que acabaram de ser derrotados merecem ter o tratamento dispensado aos animais. Seriam tão inferiores e desprezíveis que se tornariam dignos de serem arrastados pelas ruas como animais [...]” (Sagawa, 2010). A utilização dos verbos amarrar e arrastar, conforme o minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2004), produz sentidos de “conduzir(se) à força ou com dificuldade” e “ligar fortemente; atar, prender”, ambos fazem parte do campo semântico de violência. Dessa forma, pode-se constatar que havia uma vontade de dominar o outro, dado que os brasileiros queriam humilhar os japoneses com o ato de submetê-los à selvageria e mostrá-los que o poder local era daqueles que tinham direito à cidadania, que nasceram em terras nacionais e não meros estrangeiros.

No segundo enunciado, tem-se: “A bravata de um japonês pôs em polvorosa toda a cidade, cuja população permaneceu durante horas inteiramente desatinada. Os ânimos estavam turvos em consequência dos atentados levados a efeito pelos fanáticos da ‘Shindo Renmei’”.

De início, é interessante ressaltar a carga de sentido do termo “bravata”, uma vez que influencia na compreensão da reportagem e remete a uma “1 atitude ou ação arrogante; fanfarrone 2 prova de força ou de coragem desnecessária e danosa” (Minidicionário Houaiss de Língua Portuguesa, 2004). Essas definições estão intimamente ligadas às formações discursivas e ideológicas presentes nos discursos devido à parcialidade escancarada do jornal em questão.

Primeiro, porque as provocações que culminaram na briga entre Takeiko Massuda e um determinado grupo de brasileiros foram motivadas pelas duas partes, como pode ser observado em testemunhos de pessoas que estavam no local (Handa, 1987; Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (1992); Morais, 2011). No entanto, a reportagem dá a entender que somente o japonês foi o culpado de todo o conflito e de deixar a comunidade “desatinada” e em “polvorosa”. Segundo que essa narrativa transmite a ideia de que a violência praticada contra os japoneses em Osvaldo Cruz seria justificada pela atitude de Takeiko Massuda, como se as vítimas fossem somente os brasileiros envolvidos no conflito. Houve, sim, no episódio com os caminhoneiros “[...] o crime de homicídio praticado por Kababe, mas o crime de vandalismo e linchamento de todos os japoneses praticado pelos brasileiros não se justifica [...]” (Kagawa, 2010).

Na verdade, é importante frisar aqui que nem a ação que levou à morte do “Nego” e nem as provocações no Bar do Ponto justificariam tamanha violência pela qual passaram os moradores da cidade de Osvaldo Cruz.

Tanto no segundo quanto no terceiro enunciados há o envolvimento do nome do movimento denominado *Shindo Renmei*, como se vê transcrito a seguir: “Responsável a ‘Shindô Renmei’. Brasileiros contra japoneses – ‘Se fosse eu, matava três ou quatro’ – ‘Lincha! Lincha!’”.

Percebe-se, aqui, que utilizam do discurso proferido por Massuda durante a discussão no Bar do Ponto após ele ser confrontado por um brasileiro, resultando na briga da qual já mencionamos. Contudo, é perceptível que a responsabilidade pelo confronto étnico recai sobre a *Shindo Renmei*, tendo em vista que o termo aparece cerca de quatro vezes na página, visto que ao longo dos anos de 1945 a 1947 muitos conflitos existiram dentro da própria colônia. A maioria dos jornais brasileiros noticiava todos os casos, que envolviam atentados da organização de imigrantes japoneses com manchetes sensacionalistas. Por isso, “[...] o noticiário estava sempre centrado principalmente nos crimes cometidos e, portanto, talvez fosse natural que não se pudesse ver nenhuma palavra de compreensão em relação ao comportamento dos vitoristas” (Handa, 1987).

Entretanto, a intenção da edição de capa do *Diário da noite* exemplifica muitos outros periódicos, que buscavam confirmar e reafirmar a ideologia dominante da época que se baseava na proibição da entrada de imigrantes japoneses no Brasil e no discurso antinipônico. Por isso, de acordo com Tomoo Handa (1987), intensificaram reportagens como: “Gestapo japonesa organizada na cidade de São Paulo”, no jornal *Folha da Manhã*, em 1º de abril; “As manobras secretas da *Kokuryūkai* (Sociedade Secreta Dragão Negro) na cidade de São Paulo”, no jornal *A Noite*, em 4 de abril; “O Bando da Morte – vem à luz o seu sinistro complô”, também no jornal *A Noite*, no dia 5 de abril, entre outras.

É possível afirmar que essas matérias apenas reforçaram formações discursivas de que

mesmo antes do início da imigração japonesa no Brasil, ela foi envolta por um discurso que alimentou o mito do perigo amarelo e a ideia de que os imigrantes japoneses eram agentes ameaçadores de degenerescência racial, sendo considerado um duplo perigo. Com a Segunda Guerra Mundial, esse discurso antinipônico ressurgiu fortemente mesclado a novos argumentos, como por exemplo, identificavam os nipônicos como súditos do Eixo e que haveria uma possível invasão japonesa na América Latina (Ueno, 2019).

Quando se lê na matéria a exclamação “Lincha! Lincha!” que também foi reproduzida por Morais (2011) como “Lincha! Lincha! Chegou o dia a forra! Hoje não fica um japonês em pé na cidade!”, compreende-se que o ato de violência foi motivado, principalmente, por questões de preconceito e de discriminação ao sujeito japonês, e não somente pela *Shindo Renmei*, cunhado pela mídia a partir de estereótipos pré-determinados.

De acordo com Hall (2016), o estereótipo é um ato descritivo unilateral, “[...] resultado da redução de diferenças complexas a um simples recorte. Características diferentes são compreendidas em conjunto ou condensadas em uma só. Essa simplificação exagerada é então atrelada a um sujeito ou lugar [...]”.

O ato de “linchar”, assim como amarrar e arrastar, todo e qualquer japonês da cidade de Osvaldo Cruz afirmou a generalização de que “todo japonês é igual”, fomentando a concepção de que suas características, na qualidade de grupo étnico, tornam-se os únicos signos de acordo com os quais conhece-se cada sujeito japonês – ignorando sua individualidade –, visto que em nenhum momento os brasileiros fizeram a distinção daqueles que participavam ou não da *Shindo Renmei*, simplesmente atacaram e violentaram a todos.

Pais de famílias brasileiros invadiam casas tão simples quanto as suas, e de lá tiravam, arrastados pelos cabelos, pais de família japoneses humilhados na frente de suas mulheres e de seus filhos. Crianças japonesas viam, aterrorizadas, seus pais serem espancados pelos pais de seus amigos brasileiros (Morais, 2011).

Nesse sentido, percebe-se, a partir das análises discursivas sobre o ocorrido, que a maioria da mídia impressa da época exaltava a propaganda antinipônica, o que de certa forma nutriu o preconceito contra o desconhecido/o estrangeiro já existente. O discurso de que o japonês destruiria a nação brasileira só reforçou o sentimento de desconfiança e intolerância ao imigrante. Dessa forma,

A utilização da iconografia tem a função de “dar rosto” ao inimigo e, ao associá-lo claramente ao mal, o desenhista ou aquele que se serve dela consegue convencer uma mente emocional. Assim, sua capacidade de visibilizar situações impressiona mais, numa campanha de ódio, do que um colunista ou um orador (Takeuchi, 2008).

Em virtude das ações da *Shindo Renmei*, os japoneses receberam o estigma de fanáticos, súditos do Eixo, terroristas e assim por diante; sempre colocando-os como inimigos da pátria. No episódio de Osvaldo Cruz não foi diferente, uma vez que observamos vários elementos que comprovam a abordagem parcial do jornal quando retratou as notícias, generalizando todos os japoneses como integrantes da *Shindo Renmei*. Essa imagem do imigrante asiático construída pela mídia fez com que a vida dos nipônicos no Brasil fosse muito mais difícil do que podemos imaginar. Assim como os próprios japoneses participantes da *Shindo Renmei* deixaram marcas na própria colônia, os brasileiros também marcaram duramente a história desses indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura crítico-filológica-discursiva da edição fac-similar da capa do jornal *Diário da noite* (SP), com datação de 3 de agosto de 1946, através dos discursos analisados, reafirmou a violência sofrida pela colônia japonesa durante o período do pós-guerra em terras brasileiras. Com o episódio ocorrido na cidade de Osvaldo Cruz, município no interior do estado de São Paulo, esse cenário de violência, silenciamento e repressão só emergiu, visto que os brasileiros já teriam esse preconceito com os japoneses na memória criada pelas mídias e pelo discurso dominante da época.

Além disso, é importante destacar a importância da Filologia para o estudo do texto, uma vez que toda a análise do fac-símile compartilha da memória que foi negligenciada pela historiografia brasileira. Igualmente, a Análise do Discurso que nos auxiliou em entender boa parte das formações discursivas e ideológicas presentes nos ditos e não-ditos dos enunciados analisados. Assim como a leitura crítico-filológica proporcionou a interpretação do material, através da convergência de estudos sobre a cultura, a história e o contexto social de determinado povo.

Por fim, cabe também a nós, enquanto pesquisadoras, cumprir o papel social e político da Filologia e de qualquer estudo científico que faça trabalhos relacionados a grupos minorizados, pois muitos deles foram “privados dos seus territórios, da sua língua, dos seus direitos, da sua história pelas

ações violentas que institucionalizam historicamente a violência“ (Gonçalves, 2020). É nossa função democratizar, através dos estudos dos documentos, memórias que foram silenciadas e violentadas no decorrer da história e na construção do nosso país, a fim de que discursos preconceituosos sejam anulados da nossa sociedade e do nosso próprio discurso.

REFERÊNCIAS

- Cambraia CN (2005). Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes. 216p.
- COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: HUCITEC: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. 596p.
- Diário da Noite de São Paulo. 03 ago. 1946; Edição 06649 (1). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=militarmente%20ocupa da%20a%20cidade%20de%20osvaldo%20cruz&pagfis=5503> Acesso em: 01 maio 2021.
- Gonçalves ECB (2020). A Filologia e o estudo de Requerimento do Arquivo Histórico Ultramarino. Revista Filologia e Linguística Portuguesa, São Paulo, USP, 2020. 75-92p.
- Gonçalves ECB (2018). Leitura crítico-filológica de Resolução de 1822: revoltas, vigilância, violência e punição na Bahia do século XIX. Revista Filologia e Linguística Portuguesa, São Paulo, USP. 153-174.
- Hall S (2016). O Ocidente e o resto: discurso e poder. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 56(1): 314-361. Tradução de Carla D'elia. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/30023/20834> Acesso em: 01 jun. 2021. 314-361p.
- Handa T (1987). O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil [versão digital]. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, Ltda. 823p.
- Mezan R (1998). Tempo de muda: ensaios de psicanálise. São Paulo: Cia das Letras. 336p.
- Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa / organizado pelo instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2. ed. rev. e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 905p.
- Morais F (2011). Corações sujos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 349p.
- Orlandi EP (2007). As formas do silêncio [livro eletrônico]: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 129p.
- Orlandi EP (2020). Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores. 98p.
- Queiroz RCR (2006). Filologia Textual e História Cultural. Cadernos do CNLF, X(4). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

- Sagawa RY (2010). Uma violência massificada de brasileiros contra japoneses. Instituto Metodista de Ensino Superior, Revista Psicólogo. 122 - 138.
- Said EW (2004). O regresso à Filologia. In: Humanismo e crítica democrática. São Paulo: Companhia das Letras. 61 – 86.
- Takeuchi MY (2008). A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado. Revista Usp, 79(1). Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13703/15521>. Acesso em: 08 jun. 2021. 173-182p.
- Ueno LMM (2019). O duplo perigo amarelo: o discurso antinipônico no Brasil (1908 – 1934). Revista Estudos Japoneses, 41. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ej/issue/view/11503>. Acesso em: 08 jun. 2021. 101-115p.

ÍNDICE REMISSIVO

A

abreviaturas, 7, 20, 27, 28, 35, 42, 43, 47, 48, 49,
54, 55, 62, 93, 99, 102, 111, 118, 125, 126
Ação Ordinária de Deserção, 123
Análise Filológica, 58
Antônio Rolim de Moura, 60
anúncios de jornais, 6, 110, 113, 120
Arquivo Público de Mato Grosso, 33, 41, 60,
63, 64, 65, 66, 69, 73
Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte
Príncipe da Beira, 5, 14, 17, 19, 25, 26, 27, 30

B

bens dos soldados falecidos, 5, 46

C

Capitania de Mato Grosso, 5, 17, 18, 19, 25, 30,
32, 41, 45, 46, 57, 58, 61, 62, 69, 70, 73, 74
carta manuscrita, 5, 46
Centro de Documentação e Pesquisa, 123
Codicologia, 5, 6, 14, 16, 30, 34, 41, 96
colônia japonesa, 6, 77, 78, 80, 81, 83, 88
Cuiabá, 31, 33, 40, 41, 45, 58, 59, 62, 74, 75,
113, 121

D

Diplomática, 5, 25, 47, 62, 92, 121
Direito das Sucessões, 7, 122, 123, 125, 131,
133
documento, 5, 6, 14, 16, 17, 20, 24, 25, 26, 27,
28, 29, 30, 33, 35, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 57,
58, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 78,
79, 80, 82, 92, 94, 96, 98, 111, 114, 123, 124,
126, 127
documentos baianos, 7, 122

E

edição fac-similar, 7, 14, 47, 64, 74, 77, 82, 88,
92, 96, 114, 120, 125
edição semidiplomática, 14, 20, 33, 34, 35, 43,
44, 49, 61, 62, 63, 67, 70, 93, 96, 125, 126,
127
ensino de enfermagem, 112
Estudo Filológico, 5, 6, 58, 126

F

fac-símile, 27, 63, 78, 82, 88, 93, 96, 99, 126,
131
Filologia, 5, 6, 7, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 30, 31,
33, 34, 44, 45, 47, 58, 62, 77, 79, 88, 89, 90,
96, 108, 110, 111, 118, 119, 121, 122, 123,
126, 133

G

grafemas, 103, 104

H

história, 5, 14, 17, 30, 31, 35, 45, 46, 49, 59, 62,
74, 75, 79, 85, 86, 89, 93, 110, 120, 121, 123,
133

I

Instrumento de Agravo, 124, 130

J

Jornal *Diário da noite*, 6, 77, 78

L

Leitura crítico-filológica-discursiva, 6, 77
Luiz Pinto de Souza Coutinho, 60, 63, 64

M

manuscrito, 5, 14, 16, 20, 24, 25, 27, 32, 35, 40,
41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 54, 57, 58, 60,
61, 62, 63, 64, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 92, 96,
102, 114, 123, 125, 126
María Rosa Oliver, 6, 91, 92, 94, 95, 96, 103,
106, 107, 108
Mato Grosso, 4, 5, 6, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 23,
24, 26, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 42, 44, 46, 48,
58, 59, 60, 61, 62, 63, 70, 71, 72, 74, 75, 77,
91, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121

N

nomes de pessoas, 6, 61, 74
normas de edição, 6, 33, 58

O

ortografia, 52, 118, 120

P

Paleografia, 5, 14, 16, 17, 30, 31, 34, 40, 111, 123

preconceito, 6, 78, 79, 82, 85, 87, 88

primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem, 6, 110, 120

pseudoetimológico, 52

Q

quilombo, 70

R

Regimentos, 6, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73

Rio

Galera, 72

Guaporé, 18, 19, 72

Paraguai, 19

rios e lugares, 6, 61, 74

S

século

XVIII, 5, 6, 14, 18, 29, 31, 32, 33, 34, 42, 44, 46, 52, 58, 59, 61, 62, 72, 73, 74, 93

XX, 6, 7, 78, 79, 85, 93, 112, 122, 126, 133

Shindo Renmei, 77, 80, 81, 83, 85, 86, 87, 88

T

tomadias, 60, 67, 72

transcrição, 19, 20, 27, 35, 49, 62, 63, 74, 93, 102, 109, 114, 125, 126

V

Vila Bela da Santíssima Trindade, 26, 57, 60, 61, 62, 69, 70, 72, 74, 75

Vinícius de Moraes, 6, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 103, 106, 107, 108

violência, 6, 77, 78, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90

SOBRE AS ORGANIZADORAS



  **Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto**

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (2020), pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (USP), Mestra em Estudos Linguísticos (2014), pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (UEFS), Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (2013), pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI) e Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas (2011), pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é Professora Adjunta de Língua Portuguesa do Centro das Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOP), onde é Coordenadora do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e dos Projetos de Pesquisa *Edição filológica do patrimônio documental do Oeste da Bahia* e *Estudo filológico-linguístico de documentos jurídicos da Bahia do século XX*. É Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde tem orientado pesquisas no âmbito dos estudos filológicos e linguísticos. É Pesquisadora do *Folium* - Grupo de

Estudos Interdisciplinares de Linguística, Filologia e História; Membro do conselho editorial e revisora de trabalhos da *Graduando: entre o ser e o saber: revista acadêmica da Graduação em Letras* e da *Discentis: Revista Científica da Universidade do Estado da Bahia - Campus XVI*, bem como sócia efetiva da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). Além disso, tem desenvolvido pesquisas e publicado artigos, capítulos de livros, orientações de iniciação científica e de mestrado, que se alinham com a área de concentração em Estudos Linguísticos, mais especificamente com a linha de pesquisa 3 – História, descrição, análise e documentação de línguas faladas no Brasil, pertencente ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: josenilce.barreto@ufob.edu.br.

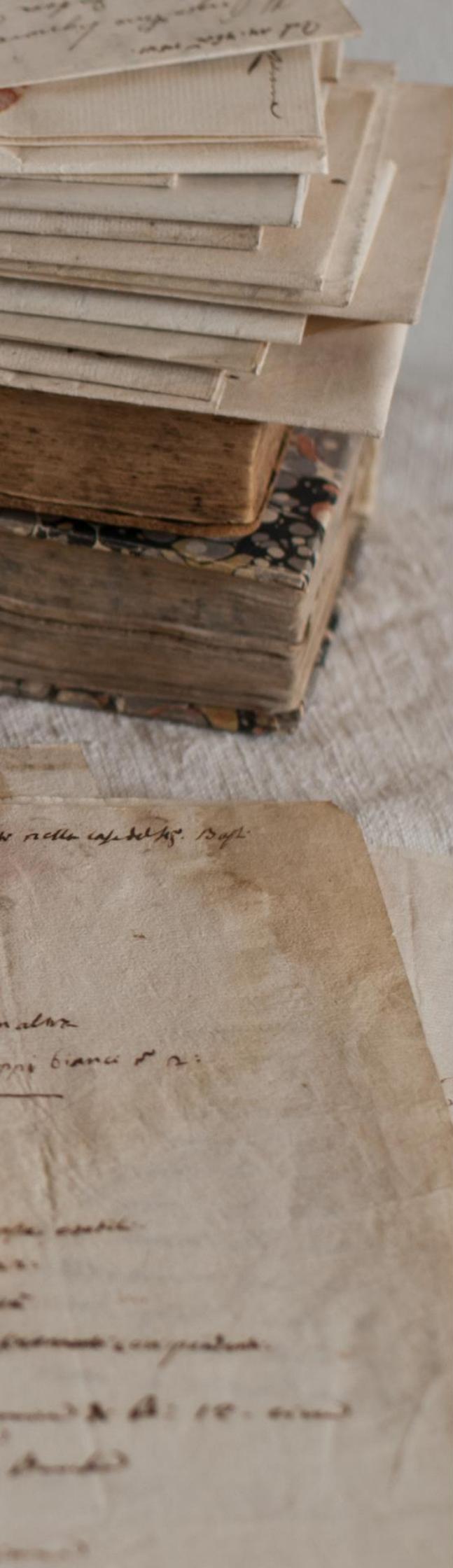


  **Carolina Akie Ochiai Seixas Lima**

Doutora em História (2018), pelo Programa de Pós-graduação em História (UFMT), Mestre em Estudos de Linguagem (2007), pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFMT) e Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas (1999), pela Universidade Federal de Mato Grosso. Após conclusão do mestrado, em 2007, foi aprovada no Concurso Público para a carreira do Magistério Superior da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Cuiabá. Como docente desta IES, atualmente, ministra as disciplinas de Latim e Filologia Românica. Foi coordenadora do Curso de Letras, entre 2009 e 2012. Coordenou o Projeto de Extensão - Latim I e Latim II e orientou graduandos no Projeto - Tutoria em Língua Portuguesa e no Projeto - Monitoria em Latim. Publicou em 2012 a obra “Guia de Estudos Latinos - Língua Dux Pedis - vol. 1” (EdUFMT) e em 2016 a obra “Guia de Estudos Latinos - Docendo Discimus - vol. 2” (EdUFMT), resultado do trabalho de Monitoria em Latim que faz parte do Programa Institucional da PROEG/UFMT. Ainda, coordenou por 3 anos a Revista Acadêmica

(impresa) “Borboletas”, resultado do Projeto de Extensão da UFMT. Foi editora-chefe, durante os anos

de 2018 a 2020, do Periódico Científico Polifonia pertencente ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFMT) do qual, atualmente, é coordenadora. É líder do Grupo de Pesquisa “FOLIUM”, criado em 2019. Em 2020, publicou a obra “Um Apocalipse para o Rei” (Ed. Appris), resultante da pesquisa desenvolvida durante o doutorado em História. Tem publicado artigos e capítulos de livro nas áreas da Filologia e da História. Como docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFMT) tem orientado pesquisas no âmbito dos Estudos Filológicos e Linguísticos, e, também tem coorientado trabalhos de doutorado, na área dos Estudos Linguísticos. Todos os trabalhos desenvolvidos, artigos, capítulos de livro, orientações de iniciação científica, mestrado e doutorado têm aderência com a área de concentração em Estudos Linguísticos e com a linha de pesquisa 3 – História, descrição, análise e documentação de línguas faladas no Brasil, pertencente ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: carolina.lima@ufmt.br.



ISBN 978-658831980-2



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br